Marcia Paganini e Ricardo Dalai

# HISTÓRIAS BEM-CONTADAS

Contos da tradição popular brasileira

Ilustrações
Cassia Naomi Nakai

MADREPÉROLA

Londrina, 2018
1ª edição

Copyright dos textos: © Marcia Paganini e Ricardo Dalai, 2018
Copyright das ilustrações: © Cassia Naomi Nakai, 2018
Direitos de publicação: © Editora Madrepérola
www.editoramadreperola.com

Edição: Rafael Silva Rodrigues
Capa e diagramação: Editora Madrepérola
Revisão Final: Juliana Precinotto
Créditos das foto dos autores:
Marcio Carvalho
Heron Heloy
Wilson Carvalho

028.5 H673 Histórias bem-contadas: contos da tradição popular brasileira / Marcia Paganini e Ricardo Dalai ; ilustração Cassia Naomi Nakai. – 1. ed. – Londrina : Madrepérola, 2018.
58 p.; 27 cm.

ISBN 978-85-69839-60-6

1. Literatura infantojuvenil. 2. Tradição popular brasileira. I. Paganini, Marcia. II. Dalai, Ricardo. III. Nakai, Cassia Naomi. IV. Título.

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária: Vania Machado Cardoso Schreiber CRB-9/1687

*Para minha mãe, que pouco sabia das letras, mas contava-me histórias que um dia ouviu de minha avó. "A formiga e a neve", "Joãozinho e Mariazinha", "O bicho Manjaléu", "A moura torta", "Maria Borralheira"... A lenha do fogão aquecia o ambiente, e a voz da mãe, a alma.*

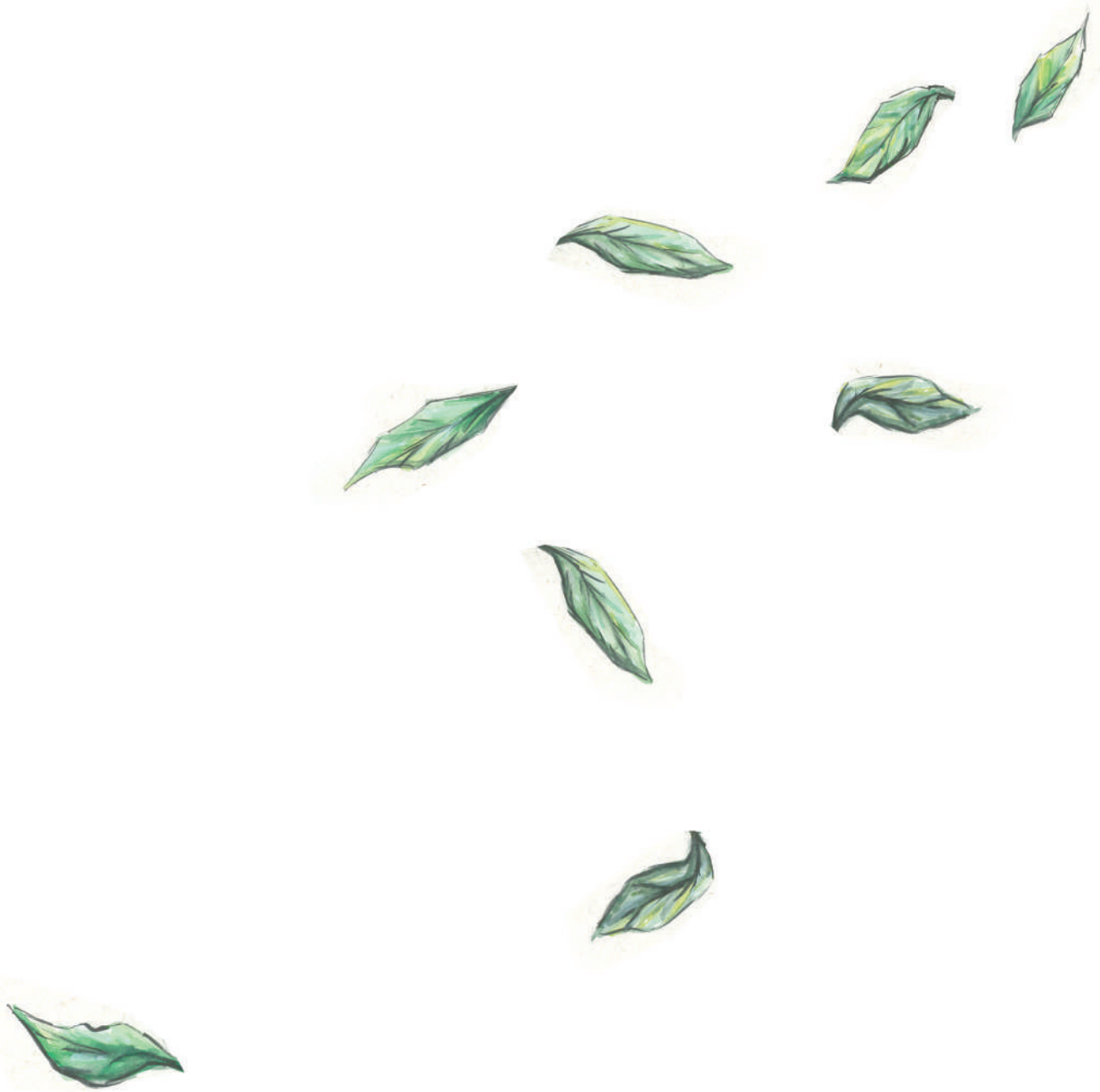
**Marcia Paganini**

*Às minhas irmãs, primeiras professoras, que a pedido de minha mãe contavam-me histórias deste e de outros mundos. Obrigado pela fantasia e pelos tantos "felizes-para-sempre".*

**Ricardo Dalai**

*Para Mariana Gomede, minha sobrinha querida e cheia de criatividade. Ao desenhar, pensei em você. Espero que goste desse universo que só se pode alcançar pela imaginação*

**Cassia Naomi Nakai**



# SUMÁRIO


7 O COMPADRE DA MORTE

11 A MOURA TORTA

17 O MOÇO QUE JOGOU COM O DIABO

23 A PRINCESA DE BAMBULUÁ

37 O BICHO MANJALÉU

52 OS AUTORES

53 SOBRE AS HISTÓRIAS BEM-CONTADAS

55 MOTIVOS PARA LER ESTE LIVRO

56 A OBRA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

*Conta-se uma história de longe, longe. Conta-se uma história de há muito tempo. Contam-na por toda a parte...*

# O COMPADRE DA MORTE

Um pobre homem morava em um casebre com a mulher e seus seis filhos. Quando nasceu seu sétimo filho, despediu-se da mulher e saiu pelo mundo para procurar alguém que pudesse ser padrinho do menino. Percorreu longo caminho e nada! Todos os que ele encontrava não aceitavam ser compadres de alguém tão miserável.

Foi quando disse:

— Era melhor encontrar a morte que ficar vagando pelo mundo sem esperança de nada.

A Morte, que por um acaso passava por aquele caminho naquela hora, escutou e, sentindo-se querida e desejada, ofereceu-se para ser a madrinha da criança. O homem, como não tinha muita opção, decidiu aceitar a oferta da sinistra criatura. Isso feito, combinaram o dia e a hora do batizado.

Quando acabou a cerimônia, a Morte disse ao novo compadre:

— Compadre meu, em sinal da minha gratidão por ter sido escolhida para ser madrinha de seu caçula, vou fazer do compadre um homem rico para que, assim, cuide bem do meu afilhado. De hoje em diante, você será médico e, com minha ajuda, nunca errará no que disser sobre a vida ou a morte do paciente. Preste atenção: quando for visitar um doente e me ver na cabeceira da cama do enfermo, receite qualquer coisa: água pura, chá de flor de laranjeira, três goles de losna, pó de tripa de cabrito ou mesmo um banho de Sol que ele ficará bom. Se eu estiver nos pés da cama, não faça nada porque o caso estará perdido.

O homem entendeu direitinho. Colocou na porta do casebre

uma placa dizendo que atendia como médico. Não demorou nada a aparecerem pacientes desesperados atrás de ficarem bons. Bastava o falso médico visitar o doente, olhar na cabeceira da cama onde estava, em pé, a comadre, para ter certeza de que a pessoa não morreria. E assim ia logo prescrevendo:

— Trate de tomar duas colherinhas de mel de abelha com leite de vaca malhada que nada mais terá. Não morre nem tão cedo!

— Este vai viver muito! Basta tomar três copos d'água duas vezes ao dia...

— Passe o rabo de um gato por cima da ferida sete vezes ao dia. É tiro e queda!

— Assim que a Lua sair, dê três pulinhos, tome três golinhos de garapada de cana-da-índia e terá vida longa!

Ou, caso visse a megera nos pés da cama, não poupava a família:

— Tratem do funeral, pois logo logo esse aí vai estar na terra dos pés juntos!

Como aqueles que ele "tratava" ficavam bons, o homem passou a nadar em dinheiro.

Um dia, adoeceu o filho do Rei e este mandou buscar o famoso médico, oferecendo muitas riquezas para que ele salvasse a vida do príncipe. Ao fazer a visita, viu a comadre nos pés da cama. Como não queria perder a fama de que era bom curandeiro, planejou enganar a Morte. Mandou que os criados virassem a cama: os pés passaram para a cabeceira e a cabeceira para os pés. A Morte, muito contrariada, foi-se embora, praguejando e jurando que se vingaria do compadre traidor.

Tempo depois, o falso médico estava em casa quando apareceu sua comadre. Disse ela que o levaria, pois seu tempo havia chegado e seu filho caçula já era um homem feito.

— Mas ainda não quero morrer, comadre! Deixe-me ficar mais um ano... — implorou ele.

— Como somos compadres, vou deixar que fique mais um ano! Mas antes preciso que você vá até a minha casa.

— Só vou se prometer que eu volto!

— Prometo — disse a Morte.

Então, ela levou o homem num relâmpago até os seus domínios. Mostrou a casa toda. Chegaram a um salão repleto de velas acessas de todos os tamanhos, umas já se apagando, outras bem acesas, outras esmorecendo. O homem, curioso, quis saber o que eram aquelas velas.

— É a vida de cada pessoa — explicou a Morte. — Cada um tem uma vela acessa. Quando a vela acaba, a pessoa morre.

O médico foi perguntando pelos amigos e conhecidos e vendo o estado das vidas. Até que lhe ocorreu perguntar pela vida dele. A Morte mostrou um toco de vela.

— Minha nossa! Essa que é a minha vela? Então eu estou por um sopro!

A famigerada disse:

— Está com horas de vida. Por ser meu amigo, trouxe-o aqui para ver, mas você me fez prometer que o levaria de volta. Portanto, vou deixá-lo morrer em casa.

Então, um sono profundo caiu sobre o homem. Quando acordou, estava na sua cama rodeado pela família. Chamou a comadre e pediu:

— Comadre, me conceda a última caridade. Deixa eu rezar um Padre-Nosso.

— Pode rezar — concordou a Morte.

— A senhora jura que não me leva antes de eu terminar a reza?

— Juro!

O homem começou a rezar: "Padre-Nosso que estás no céu...". E calou-se. A Morte disse:

— Vamos, compadre, reze o resto!

— Nem pense nisso, comadre! Você jurou que me dava tempo de rezar o Padre-Nosso, mas eu não expliquei quanto tempo vai durar minha reza. Vai durar anos e anos...

A Morte foi-se embora, zangadíssima porque mais uma vez foi enganada pelo compadre.

Anos e anos depois, o homem, velhinho, ia passeando nas suas grandes propriedades quando reparou num corpo caído no chão. Aproximou-se e viu que era um morto. Pensou: "Que sina triste morrer sozinho sem ter ninguém que lhe encomende a alma. Melhor rezar um Padre-Nosso pela criatura". E começou a rezar, terminando a reza inteirinha.

Assim que disse o amém, a Morte, espertamente, levantou-se do chão e bateu-lhe o cajado na cabeça. Nesse instante, apagou-se a vela da vida do compadre da Morte.

E foi assim que certa vez um homem tornou-se compadre da Morte, enganou-a duas vezes, mas não conseguiu enganar a terceira. Que fiquem em alerta os espertalhões! Um dia, a Morte vem para levar a todos!

# A MOURA TORTA

Era uma vez um reino distante onde reinava um Rei de avançada idade. O Príncipe herdeiro, desejando ver o mundo antes de assumir a coroa do velho monarca, pediu ao pai permissão para sair em viagem durante um tempo e, quem sabe, encontrar aquela que seria sua Rainha. O pai, conhecendo valores e intuitos do rapaz, nada pode senão permitir.

Assim, no dia seguinte ao pedido, o Príncipe ganhou o mundo. Nem bem começou a caminhar quando encontrou na beira da estrada uma pobre senhorinha carregando um pesado feixe de galhos. Ignorando sua nobre posição, o Príncipe ofereceu-se para ajudá-la, sendo ao final recompensado com três grandes e suculentas laranjas.

— É para quando tiver fome — disse a anciã. E completou: — Mas atenção! Só descasque as frutas em um lugar onde houver água.

Por não crer em simpatias e presságios, o Príncipe seguiu seu caminho e, no entardecer daquele mesmo dia, tirou uma das frutas de seu picuá e começou a descascá-la.

Da polpa suculenta saltou uma linda jovem que, tão logo se viu liberta, exclamou:

— Dá-me água, senão morro!

Sem ter uma gota sequer, o rapaz testemunhou a morte da moça, que diante dos seus olhos, transformou-se em fumaça e poeira.

Passaram-se dias sem que o Príncipe se esquecesse da beleza daquela jovem, e durante todos eles, uma grande tristeza tomou seu coração. Ficou assim, deprimido, até que a lembrança da moça não podia lhe certificar se sua aparição teria sido sonho ou realidade. Foi então que, esquecido e com fome, descascou mais uma fruta, da qual saltou outra jovem — tão linda quanto a primeira — que exclamou angustiada:

— Dá-me água, senão morro!

Mais uma vez, o Príncipe se desculpou, e embora tenha procurado pelas redondezas uma fonte, um poço, ou mesmo um balde abandonado que pudesse conter um gole de água, nada encontrou. Então, novamente testemunhou o desaparecimento da linda jovem desconhecida, que virou pó diante dos seus olhos.

Continuou seu caminho abatido, mas convicto de que, na última fruta, estaria preparado. Ele já voltava para seu reino quando encontrou um riacho. Prontamente, descascou a fruta derradeira e, como nas outras vezes, uma jovem surgiu de dentro dela. Esta era ainda mais bela que as duas anteriores e, como as outras, suplicou:

— Dá-me água, senão morro!

Sem demora, o Príncipe encheu uma caneca com água fresca e a estendeu à jovem, que bebeu em um único fôlego. Então, a moça contou ao Príncipe sua história, fazendo com que ele se enamorasse perdidamente por ela. Como ela estava nua e o Príncipe viajava sem muitos recursos, pediu a ela que o esperasse ali, escondida em cima de uma árvore, até que ele voltasse com roupas.

Logo depois de o rapaz voltar para a estrada, apareceu à beira do riacho uma velha que servia uma família de nobres. Era chamada por todos de Moura Torta devido a um problema que tinha em sua coluna, o que a fazia andar mancando. Além disso, era caolha. As crianças

e até alguns adultos tiravam sarro dela, gritando nomes feios quando ela passava para buscar água para o seu senhor. Sem sorte e sem oportunidades, ela vivia à margem.

Assim que se curvou para pegar água no riacho, viu o reflexo da moça que se escondia sobre a árvore e pensou que fosse a sua própria imagem refletida. Deslumbrada com o que viu, pensou: "Mas por que eu, tão bonita e formosa, estou carregando água para nobres? Não pode ser...". E atirou para longe os dois baldes que trazia, voltando ao seu senhor com empáfia e sem água.

Quando lá chegou, os seus senhores ralharam com ela e lhe deram outro balde, ordenando que trouxesse água dessa vez.

A Moura então retornou ao riacho e mais uma vez, quando se inclinou para encher seu pote, viu o lindo reflexo nas águas. Espantadíssima com a beleza que acreditava possuir, ela disse em alto e bom som:

— Como eu, tão linda e garbosa, estou a carregar água para nobres?

Jogou seu balde longe mais uma vez e voltou à casa, dona de si. E mais uma vez seus senhores brigaram, gritaram, castigaram-na. Deram-lhe, porém, uma última chance: ou ela trazia água, ou ficaria para

sempre presa na masmorra. E lá se foi a Moura Torta buscar água.

Ela se aproximou da margem do rio, contemplou por um tempo suas águas e a beleza que ali via refletida e tocou suavemente o espelho d'água.

De cima da árvore, a moça, que a tudo havia assistido, achou engraçada aquela cena e riu. A Moura olhou para cima e viu, lá, a linda moça que antes via nas águas.

— Ah, agora entendo tudo: era você, moça bonita, que eu via na água. Desça. Venha conversar comigo.

A moça, ignorando os perigos do mundo, desceu.

— O que é que estava fazendo lá em cima, como uma pombinha no ninho?

— Espero o Príncipe voltar para me buscar.

A Moura Torta, que era conhecedora de magias e sortilégios, viu nisso uma chance de se sair bem e pensou rapidamente em um plano. Pediu à jovem desconhecida que a deixasse pentear seus cabelos, pois eram tão lindos e longos!

A moça, comovida com a simpatia da boa senhora, deixou.

Na primeira oportunidade, a Moura tirou do bolso do avental um alfinete e o espetou na cabeça da moça, que mal teve tempo de dizer "ai" e imediatamente viu-se transformada em uma pombinha. E voou para a mesma árvore na qual estava antes, quando era gente.

Ao ouvir o Príncipe que se aproximava, a Moura subiu no galho e ficou ali, como pássaro no ninho. Ela o viu chegar em uma linda carruagem, trazendo o vestido mais bonito e meia dúzia de criados e criadas para servirem-na.

Claro que o Príncipe notou a diferença e perguntou:

— Que houve com sua pele, minha amada?

— Você demorou tanto para voltar que o Sol a queimou.

— E com um de seus olhos?!

— Um pássaro irado o bicou.

— E por que seus dentes não estão mais sorrindo?

— Faminta, comi uma fruta sem perceber que estava cheia de duras sementes. Mas esperemos, meu amado, porque o tempo tudo cura, e logo eu ficarei como era antes.

Ele acreditou. Amparou a mulher ao descer, introduziu-a em sua carruagem como se fosse princesa e a levou para seu reino. O rei e a Rainha ficaram horrorizados com a aparência da Moura, mas como eram justos, cumpriram seu compromisso: naquela mesma noite foi anunciado o casamento do jovem Príncipe.

A Moura Torta se sentia vitoriosa entre tanto ouro e pedrarias, tecidos finos, perfumes, banquetes. Todos se puseram a servi-la; ela, que antes servia todos. Mas em nada ela ficara mais agradável: continuava amarga e antipática, cruel às vezes. E como agora ela podia, tornava-se cada dia mais opressora, mandando castigar criados pelos mais fúteis deslizes.

O Príncipe, sempre que o dia caía e a noite se anunciava na beleza do crepúsculo, ia até o jardim e lá ficava a meditar e refletir. Em um desses pequenos passeios, ele percebeu uma pombinha que sempre voava por ali e piava um pio triste, quase um lamento. Mas toda vez que ele se aproximava da pequena ave, logo ela voava, como por medo ou vergonha.

Instigado por aquela presença diária, o Príncipe pediu aos criados que a capturassem. Queria saber se algo poderia estar ferindo a pequena pombinha, pois seu lamento era tão lindo e tão triste que poderia ser por causa da dor de algum espinho na asa.

Para não haver erro, os criados armaram uma armadilha com fios de ouro para não arrebentar. Mas o brilho do fio não seduziu a

pombinha. Fizeram, então, uma com fio de prata, e igualmente a pombinha não caiu. Até que fizeram uma armadilha com laço de couro cru e conseguiram capturá-la.

Levaram-na para o Príncipe que, examinando a pequena ave, sentiu um carocinho em sua cabeça. Achou que era um espinho e o puxou. Tamanho foi seu espanto quando viu ser um alfinete que, uma vez retirado, transformou a pombinha na moça de outrora, linda como o amor, formosa como a verdade.

— É você, minha amada! — exclamou ele, abraçando-a emocionado.

Ela contou tudo ao Príncipe, que mandou fechar a Moura na mais alta masmorra, para que não pudesse mais ferir ninguém. Lá ela terminou seus dias, transformando-se em pó e poeira.

O casamento planejado se manteve e o Príncipe esposou a bela jovem. Eles se tornaram um Rei e uma Rainha justos e bondosos. E foram felizes por muitos, muitos anos.

# O MOÇO QUE JOGOU COM O DIABO

Havia um moço que adorava jogar baralho. Um dia, foi desafiado por um sujeito mal-encarado e, após perder todo o dinheiro que tinha, ouviu do adversário a seguinte proposta:

— Aposto todo o dinheiro que ganhei de você contra sua sombra.

O moço pensou por um momento e decidiu topar, afinal, caso perdesse, de que lhe servia a sombra? E se ganhasse, era a chance de recuperar o dinheiro.

Jogou e perdeu.

O adversário enfiou a sombra do moço num saco e, antes de partir, disse:

— Se quiser de volta o que perdeu, me procura daqui a um ano, no lugar mais sombrio que encontrar. Quem sabe não negociamos...

O moço foi para casa muito perturbado. Não demorou nada para que as pessoas começassem a reparar que o rapaz não tinha sombra e se esquivavam dele. Alguém sem sombra não devia ser boa pessoa. Então, ele compreendeu que a sombra lhe fazia falta, sim. Foi quando o pai lhe disse:

— Você perdeu foi a alma. E quem a carregou foi o Diabo. Foi ele quem jogou com você.

O moço resolveu procurar a morada do Diabo, mesmo não tendo completado um ano, conforme o mal-encarado havia lhe ordenado.

Ao chegar a uma caverna muito sombria, encontrou o Diabo e reconheceu a figura de seu adversário de jogo. Pediu que devolvesse o que lhe havia tomado.

— Eu devolvo tua sombra se tu plantar uma carreira de pés de milho de manhã e colher deles, à tarde, espigas granadas. Me deu uma vontade danada de merendar pamonha — disse o Diabo.

O moço foi para o quintal do Diabo, sentou-se num toco e começou a se lamentar. Reconhecia agora que o jogo tinha sido a sua perdição.

Nisso, apareceu uma moça muito bonita, chamada Branca-Flor, que era a filha do Diabo. Ela gostou do moço e por isso decidiu ajudá-lo.

— Não tem nada, não. Deite-se aqui no meu colo. Vou lhe consolar.

A moça fez-lhe um cafuné até que ele adormeceu. Então, plantou as mudas e escondeu-se. Quando o moço acordou, viu o milharal plantado, com espigas de milho graúdas penduradas. Apanhou as espigas, feliz da vida, e correu levá-las ao patrão. O Diabo, que não era bobo e conhecia a filha que tinha, pensou: "Isso só pode ser feito de Branca-Flor".

No outro dia, quando o moço pediu sua sombra de volta, o Diabo arranjou outra tarefa, ainda mais difícil de cumprir:

— Plante estes feijões! Estou desejoso de comer virado no jantar.

O moço foi para o quintal mais triste ainda. Sentou no mesmo toco e começou a lamuriar. Apareceu-lhe a mesma moça da véspera e novamente o acariciou até que ele caísse no sono. Quando acordou, viu as vagens de feijão no ponto de colher. Afoito, o moço fez a colheita e levou-a para o Tinhoso, que novamente desconfiou:

— Eita, que isso me cheira arte daquela moleca, a Branca-Flor!

No outro dia, o moço foi novamente pedir a sombra de volta, porém escutou:

— Perdi meu anel no mar. Gosto muito dele e o quero de volta. Traga-o para mim.

— Mas o mar é muito imenso! — justificou o moço.

— Ou isso ou nada de sombra — sentenciou o Cão.

O moço foi para a praia, sentou-se na areia e pôs-se a chorar. Novamente, apareceu a linda Branca-Flor. Chamou os peixinhos do mar, pediu-lhes que encontrassem o anel e o trouxessem para ela. Logo, os animais atenderam os pedidos de Branca-Flor e ela entregou o anel para o moço, que o levou ao Diabo.

O Sinistro ficou muito nervoso de estar sendo enganado pelo rapaz, que era ajudado por Branca-Flor, e resolveu matar o moço e também a filha, que o fizera de bobo. Para que o moço não suspeitasse de nada, disse:

— Tem minha permissão para ir embora amanhã.

Branca-Flor pressentiu que era mais uma das mentiras de seu pai. Então, bolou um plano para salvar a vida do moço e a dela própria.

Colocou na cama do moço e na sua própria cama duas bexigas de porco cheias de suco de uva. Pegou cinzas frias do fogão, tachinhas de

pregar sola de sapato e um pedaço de sabão. Procurou o moço e lhe contou parte de seu plano:

— Vamos fugir, porque meu pai quer nos matar. Ele tem dois cavalos muito bons: um castanho e um preto. O castanho é muito rápido, mas o preto é o mais rápido do mundo. Vá até o estábulo e sele o preto.

Em seguida, cuspiu três vezes no fogão, deu ao rapaz os embrulhinhos com as cinzas, o sabão e as tachinhas, mandando-o guardar bem. Montou na garupa e partiram.

Já estavam longe quando repararam que o moço, no escuro, confundiu-se e selou o cavalo errado; o marrom em vez do preto.

— Vamos seguir viagem. Até que meu pai descubra, já estaremos longe.

O Diabo, sua mulher endiabrada e seus diabinhos-filhos se deitaram para dormir. Quando já era bem de noite, o Diabo chamou:

— Branca-Flor, que é de tu?

Um cuspe no fogão respondeu:

— Aqui estou, quase dormindo...

O Diabo esperou por mais de uma hora. Chamou a segunda vez:

— Branca-Flor, que é de tu?

Outro cuspe respondeu com voz mais fraca:

— Aqui estou, quase dormindo...

Esperou um pouco e chamou pela terceira vez:

— Branca-Flor, que é de tu?

Outro cuspe respondeu com voz de quem está quase dormindo:

— Aqui estou, quase dormindo...

O Diabo esperou mais um pouco e chamou pela quarta vez, porém ninguém respondeu.

"Está dormindo", pensou, "é agora!". Pegou um pau, foi à cama do moço e bateu até que viu escorrer o que acreditou ser sangue. Foi à cama da moça, bateu e viu o mesmo caldo escorrer. Voltou para a

cama e a mulher perguntou-lhe:

— Estão mortos?

— Estão sim. Escorreu sangue.

A mulher quis conferir para ter certeza. Encontrou apenas as bexigas estouradas e suco escorrendo. Nada da moça ou do moço.

— Fomos enganados! — ela gritou.

O Diabo correu ao estábulo, selou o cavalo preto e saiu no encalço da filha e do rapaz. Estava quase alcançando os fugitivos, quando Branca-Flor, olhando para trás, avistou a nuvem de poeira que se aproximava.

— Meu pai vem vindo — avisou — atire para trás o punhado de cinzas.

O moço obedeceu e logo se formou um nevoeiro que impediu o Diabo de enxergar. Ele andou meio às cegas até que conseguiu passar pela nuvem. Quando estava pertinho outra vez, Branca-Flor mandou o moço atirar o sabão. O chão ficou liso e o cavalo do Diabo escorregou bastante, mas mesmo assim conseguiu passar. Continuou atrás dos jovens. Quando estava quase a alcançá-los pela terceira vez, o moço, seguindo as ordens de Branca-Flor, jogou as tachinhas, de modo que o Diabo não teve outra escolha senão desistir de persegui-los.

Quando chegou a casa, a mulher, furiosa, ordenou que ele voltasse à captura dos dois. E lá foi ele.

Branca-Flor olhou para trás e viu novamente uma nuvem de poeira. Então, ela transformou o cavalo num lago, os arreios numa barca, o moço num pescador e ela mesma num cisne branco. Ao se aproximar, o Diabo perguntou ao pescador se tinha visto um moço e uma moça, montados num cavalo marrom. O pescador disse que não.

Sem pista dos fujões, voltou para casa. Branca-Flor desmanchou a mágica, montaram de novo e tornaram a seguir viagem, galopando no seu cavalo.

Mas a mulher disse ao marido:

— Bocó! Não viu que o moço era o barqueiro e Branca-Flor, o cisne? Volte a procurá-los!

O Diabo partiu novamente.

Ao chegar ao lugar onde estivera o lago, não encontrou barqueiro nem barco nem cisne. Nem mesmo o lago. Pegou a estrada novamente e galopou, dessa vez mais rápido que nunca. Quando Branca-Flor olhou para trás e viu a nuvem de poeira, transformou o cavalo e os arreios num mandacaru, ela numa flor e o moço num calango.

O Diabo passou, olhou a planta e o animal, mas não desconfiou de nada. Correu o mundo no seu cavalo veloz e não encontrou ninguém. Voltou para casa, e a mulher, assim que o viu, foi logo gritando:

— Tolo! Não viu um pé de mandacaru florido? Era Branca-Flor, e o calango, o moço. Volte e traga os dois!

O Diabo foi, mas tudo havia desaparecido. Voltou para casa com o rabo entre as pernas e, dessa vez, deixou a mulher esbravejar à vontade.

— Não vou mais atrás de ninguém. Tu é que vá, se quiser.

A Diaba, que era muito preguiçosa, não quis nem saber de sair de casa para correr o mundo atrás dos fugitivos.

Branca-Flor e o moço seguiram viagem e não viram mais nuvem de poeira alguma.

— Estamos livres! Meu pai finalmente desistiu.

Chegaram a uma cidadezinha onde o moço arranjou trabalho. Depois, casou-se com a esperta e travessa Branca-Flor e viveram muito felizes.

Se o moço conseguiu sua sombra de volta? E quem precisa de sombra tendo Branca-Flor ao seu lado?

# A PRINCESA DE BAMBULUÁ

Os mais antigos contam que, no caminho entre duas importantes cidades, havia uma gruta onde viajantes, surpreendidos pelo anoitecer brusco ou por tempestades repentinas, protegiam-se dos perigos. Contam também que essa gruta era assombrada pelo lindo rosto de uma moça, que suplicava aos homens visitantes que a desencantassem. Como viam somente a cabeça da moça, todos fugiam de medo e deixavam sozinho o rosto choroso e magoado da Princesa de Bambuluá.

Os poucos viajantes que se aventuravam a tentar salvá-la desistiam facilmente das duras provas que tinham de enfrentar. Até que um dia, Sol a pino, um rapaz conhecido como João Amarelo ali parou para descansar. Ao ver o rosto suplicante, ele, que não tinha muitas opções de destino, pensou: "Que tenho a perder? Estou cansado de ser feio, fraco e faminto".

— Desencante-me, forte e belo jovem — pediu novamente a visagem.

Ao ouvir aquela voz melodiosa, o rapaz não vacilou: iria ajudá-la.

— O que devo devo fazer? — perguntou.

— Vá até o alto daquela serra, encontre a árvore mais alta e fique sob sua sombra.

— Só isso? — perguntou, descrente.

— Sim. Mas é preciso que suporte qualquer sofrimento e cansaço